



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN**

**MARIA HELENA COSTA DO NASCIMENTO MACIEL VIEIRA**

**ANÁLISE DA ATUAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DE DESIGN DA  
PARAÍBA NO ARTESANATO PARAIBANO**

**RIO TINTO - PB  
NOVEMBRO, 2022**

**MARIA HELENA COSTA DO NASCIMENTO MACIEL VIEIRA**

**ANÁLISE DA ATUAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DE DESIGN DA  
PARAÍBA NO ARTESANATO PARAIBANO**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Design da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Design.

Orientador: Prof. Dr. Kléber da Silva Barros.

**Rio Tinto - PB**

**2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN

MARIA HELENA COSTA DO NASCIMENTO MACIEL VIEIRA

**ANÁLISE DA ATUAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DE DESIGN DA  
PARAÍBA NO ARTESANATO PARAIBANO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Design da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de BACHAREL EM DESIGN, aprovado em 7 de dezembro de 2022 pelos membros da banca examinadora composta por:

Prof. Dr. Kléber da Silva Barros, DDesign, CCAE, UFPB  
Orientador(a), Presidente da Banca

Prof. Dr. Washington Ferreira Silva, Ddesign, CCAE, UFPB  
Membro Examinador Interno

Ms. Eduardo Barroso Neto, Departamento de projetos especiais da PMJP  
Membro Examinador Externo

RIO TINTO, PB  
Dezembro/2022

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

V665a Vieira, Maria Helena Costa do Nascimento Maciel.  
Análise da atuação das escolas superiores de design  
da Paraíba no artesanato paraibano / Maria Helena Costa  
do Nascimento Maciel Vieira. - João Pessoa, 2022.  
61 f. : il.

Orientação: Kléber da Silva Barros Barros.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCAIE.

1. Design e Artesanato. 2. Artesanato Paraibano. 3.  
Escolas Superiores de Design. I. Barros, Kléber da  
Silva Barros. II. Título.

UFPB/CCAIE

CDU 378

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente aos meus pais, que sempre me apoiaram e me deram liberdade para que eu pudesse fazer minhas próprias escolhas.

Ao meu amor e companheiro, Pedro. Por todas as palavras de conforto e incentivo, por todos os atos de cuidado e carinho. Receber lanchinhos no meio de uma tarde lendo 30 textos faz toda diferença.

Um agradecimento muito especial aos meus amigos e companheiros de curso, Ana Carla, Júlia e Thiago, que estiveram comigo durante todo esse percurso. Em todas as idas e voltas para Rio Tinto, todas as marmitas esquentadas na cantina, todos os perrengues e prazos, todos os medos e conquistas. Não sei o que seriam desses 4 anos sem vocês.

Agradeço ao meu orientador e maior incentivador dessa pesquisa, o professor Kléber, por acreditar e me motivar tanto desde a primeira conversa. Por abrir portas e me fazer enxergar além, essa pesquisa é uma conquista compartilhada.

Agradeço aos entrevistados, Eduardo Barroso, Fábio Morais, Kléber Barros e Lucyana Azevedo, pela contribuição para esta pesquisa e por fazerem design com propósito, vocês foram pura inspiração.

A todos os professores do curso, pelos ensinamentos que moldaram a designer que sou. A todos os colegas de sala, que nunca deixaram a palavra “competitividade” existir entre nós, agradeço por ter vivido ao lado de pessoas tão prestativas e bem-humoradas. Obrigada por terem tornado tudo mais leve.

Por fim, agradeço a todos os artesãos paraibanos que resistem e continuam registrando nossa cultura através de cada peça produzida. Viva o artesanato paraibano!

*“A comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio”.*

*Aloísio Magalhães.*

## RESUMO

O distanciamento entre Design e Artesanato se deu por problemáticas históricas e estruturais que refletem até hoje nas formações dos Cursos Superiores de Design no Brasil. A visão marginalizada acerca do artesanato, o manteve de fora das estruturas acadêmicas, que foram arquitetadas seguindo os padrões do ensino europeu, voltados exclusivamente para a indústria. A presente pesquisa se propõe a analisar a atuação das escolas superiores de Design e órgãos institucionais da Paraíba em prol do artesanato paraibano, através de procedimentos exploratórios, que buscaram mapear a atuação das escolas, designers, órgãos públicos e privados da Paraíba, em atividades e produções que fomentem a interação com o artesanato regional, a fim de compreender as problemáticas e estimular a união do conhecimento popular e erudito. Após análises, podemos constatar que essa atuação ainda é incipiente e necessita de impulso e fomento para tornar-se efetiva e produtiva para designers e artesãos.

**Palavras-chave:** Design e Artesanato; Artesanato Paraibano; Escolas Superiores de Design.

## **ABSTRACT**

The distance between Design and Handicraft was due to historical and structural problems that reflect until today in the formation of Superior Courses of Design in Brazil. The marginalized view of craftwork kept it out of the academic structures, which were built following European teaching standards, exclusively focused on industry. The present research proposes to analyze the performance of the Design colleges and institutional bodies in Paraíba in favor of Paraíba's handicraft, through exploratory procedures, which sought to map the performance of schools, designers, public and private bodies in Paraíba, in activities and productions which foment the interaction with regional handicraft, in order to understand the problems and stimulate the union of popular and erudite knowledge. After analysis, we can see that this action is still incipient and needs impulse and encouragement to become effective and productive for designers and artisans.

**Keywords:** Design and Handicraft; Paraíba Handicraft; Higher Schools of Design.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Caracterização da Pesquisa	16
Figura 02: Procedimentos Metodológicos	16
Figura 03: Áreas delimitadas	17
Figura 04: Afunilamento das Atividades de Fomento	18
Figura 05: Afunilamento para pesquisa exploratória nos repositórios	20
Figura 06: Designers que atuam com o artesanato paraibano	20
Figura 07: Roteiro de perguntas para as entrevistas	21
Figura 08: Poltrona Bodocongó, Sérgio Matos	26
Figura 09: Poltrona Flor de Mandacaru, Sérgio Matos	26
Figura 10: Tipologias do Artesanato Paraibano	29
Figura 11: Tipologias do Artesanato Paraibano	30
Figura 12: Espaços do Programa de Artesanato Paraibano	31
Figura 13: Espaços do Programa de Artesanato Paraibano	31
Figura 14: Escolas Superiores de Design na Paraíba, Localizações e Tipologias	34
Figura 15: Produtos expostos pelos representantes da UFCG	39
Figura 16: Espaço do Artesanato - Manaíra Shopping	40
Figura 17: Celeiro Espaço Criativo	41
Figura 18: Capacitação com Fábio Morais	42
Figura 19: Capacitação Fotográfica com Kléber Barros	43
Figura 20: 34ª Edição do Salão do Artesanato Paraibano	43
Figura 21: Feira Móvel do Produtor	44
Figura 22: Feira da Economia Solidária	44
Figura 23: Eduardo Barroso	45
Figura 24: Fábio Morais	47
Figura 25: Kléber Barros	49
Figura 26: Lucyana Azevedo	51

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
1.1 Contextualização	11
1.2 Problemática	12
1.3 Justificativa	13
1.4 Objetivos	14
1.4.1 Objetivo Geral	14
1.4.2 Objetivos Específicos	14
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>15</b>
2.1 Tipologia da Pesquisa	15
2.2 Procedimentos da Pesquisa	16
2.2.1 Revisão Bibliográfica	17
2.2.2 Levantamento de Arquivos - Escolas Superiores de Design na Paraíba	18
2.2.3 Coleta de Dados - Atividades de Fomento	19
2.2.4 Designers que Atuam com Artesanato na Paraíba.	20
<b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>23</b>
3.1 Design e Artesanato	23
3. 2 Artesanato Paraibano	27
3. 3 Ensino Superior de Design na Paraíba	32
<b>4 RESULTADOS</b>	<b>35</b>
4.1 Levantamento de Arquivos - Escolas Superiores de Design na Paraíba	35
4.1.1 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)	35
4.1.2 Projetos de Pesquisa	36
4.1.3 Projetos de Extensão	37
4.1.4 Teses de Mestrado e Especializações	38

4.1.5 Participação da Universidade Federal de Campina Grande no Salone Internazionale del Mobile 2022.	39
4.2 Coleta de Dados - Atividades de Fomento	40
4.3 Designers que Atuam com Artesanato na Paraíba	45
<b>5 ANÁLISES E DISCUSSÕES</b>	<b>53</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>58</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Contextualização

Originados através de métodos e técnicas que unem o saber e o fazer, design e artesanato ocupam espaços distintos na sociedade. O artesanato se origina através das singularidades culturais e territoriais de um povo ou região. Suas origens são intrínsecas as origens do homem, que através do fazer manual, criava artefatos que auxiliavam nas demandas de sobrevivência e adaptação ao território. (ANJOS, 2021, MACHADO, 2016).

Partindo do mesmo ponto de vista, é possível reconhecer que na atualidade, o design se apresenta intrínseco em todas as novas tecnologias e criações do homem moderno. De acordo com Cardoso (2004), o design surge em meio ao período de transição do modelo de produção artesanal para o modelo de produção industrial. Em consequência das mudanças ocasionadas por esta transição, houve um distanciamento entre o artesão e o designer. Condicionado ao meio industrial, o design passou a ser símbolo de qualidade e mecanização, enquanto o artesanato continuou sendo produzido por artesãos que mantiveram seus métodos e tradições ou produziam para os que não tinham acesso aos produtos advindos das fábricas. Tal posicionamento marginalizou a visão sobre os objetos artesanais e os caracterizou como produção inferior e desvalorizada. (BORGES, 2011; SERAFIM, 2015).

No Brasil, por volta da década de 1960, Aloísio Magalhães e Lina Bo Bardi iniciaram uma mobilização, reconhecendo a importância das manifestações culturais e estimulando a união do conhecimento popular e erudito, em busca de revitalizar o design brasileiro. (CAVALCANTI, 2017; ROSSI, 2017). A junção do design com o artesanato, iniciou um processo de ressignificação da visão acerca dos objetos artesanais e sua posição diante da sociedade. A partir do movimento iniciado, diversos designers se uniram no desenvolvimento de novos projetos e atividades, que encontravam nos conhecimentos técnicos e acadêmicos do design, formas de inovar e valorizar as produções artesanais e o saber popular.

Porém, em sentido oposto ao proposto por esses designers, a primeira escola de design em nível superior fundada no Brasil, a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), 1962, foi estruturada seguindo os conceitos das escolas europeias,

que seguiam o padrão da boa forma e a formação de designers para a indústria. A ESDI se tornou símbolo de referência para o surgimento de novos cursos de design no Brasil, o que conseqüentemente disseminou os ideais europeus. O primeiro Curso de Design do Brasil inserido em um Centro de Tecnologia foi criado na UFPB, em 1978, em Campina Grande-PB.

Atualmente, a Paraíba possui 16 cursos de design em nível superior, que se dividem entre quatro tipologias, sendo elas: gráfico, interiores, moda e produto. (GUIA DO ESTUDANTE, 2022). Apesar do desenvolvimento do ensino superior de design na Paraíba ser crescente, são observadas problemáticas acerca da falta estímulo às pesquisas e projetos que fomentem o artesanato regional no campo acadêmico.

O artesanato paraibano simboliza a potência e variedade da cultura paraibana e se manifesta em mais de 20 tipologias que se originam a partir das riquezas do território. No ano de 2017, passou a possuir reconhecimento internacional, quando a cidade de João Pessoa foi selecionada para integrar o *hall* de Cidades Criativas da UNESCO, com destaque para o artesanato e cultura popular. A Paraíba possui o Programa de Artesanato Paraibano e conta com ações públicas e privadas que visam o fomento do artesanato local.

Através da união do design com o artesanato, espera-se encontrar novas formas de valorização e inovações que estimulem a produção criativa entre designers e artesãos. Ressignificando a posição do artesanato no campo acadêmico.

## **1.2 Problemática**

Com reflexos das influências das escolas europeias, o vínculo do design com o desenvolvimento industrial, refletiu na formação das estruturas dos cursos de design no Brasil e na formação dos designers que foram condicionados aos ideais da produção seriada. (CAVALCANTI, 2017).

As configurações dos cursos foram estruturadas visando a formação de designers para a indústria, abrindo pouco ou nenhum espaço para os conhecimentos e representações da cultura popular. A visão marginalizada sobre o artesanato, o manteve afastado do ensino superior.

Com os estímulos iniciados pelos arquitetos e designers por volta da década de 1960, a busca pela revitalização do artesanato desencadeou o surgimento de diversas pesquisas e projetos que buscam a união do conhecimento popular com o erudito. (BORGES, 2011; CAVALCANTI, 2017; ROSSI, 2017). Na Paraíba, é possível identificar designers que atuam junto a grupos de produção artesanal, além de iniciativas públicas e privadas que desenvolvem ações de capacitação para artesãos, junto a atividades de incentivo e divulgação.

O artesanato da Paraíba carrega e simboliza a identidade cultural tão diversa da região e do povo paraibano. Porém, apesar das atividades promovidas pelos órgãos públicos e privados, além do reconhecimento internacional promovido pelo título de Cidade Criativa da Unesco, as ações e serviços promovidos ainda se mostram insuficientes para a valorização e reconhecimento dos artesãos e suas obras.

Reconhecendo a qualidade e os valores que o artesanato paraibano representam, assim como a capacidade do design de atuar como agente de soluções inovadoras e criativas, a seguinte pesquisa busca analisar as influências das Escolas Superiores de Design e órgãos institucionais da Paraíba no Artesanato Paraibano e entender como funcionam e podem funcionar atividades e pesquisas que unem o conhecimento popular e o acadêmico.

### **1.3 Justificativa**

A ideia de explorar o campo do artesanato surgiu inicialmente a partir do interesse pessoal pela área, que carrega importante influência como uma forte representação da cultura popular brasileira. Posteriormente, o afunilamento das pesquisas revelou a carência de estudos acadêmicos que pudessem demonstrar o panorama da atuação das escolas de Design no artesanato paraibano.

Ao propor analisar a relação do artesanato e design através das instituições acadêmicas, espera-se que a pesquisa possa clarear e incentivar o debate acerca da importância de unir o conhecimento popular e erudito. Manzini (2017), discorre sobre as possibilidades do designer atuar em projetos colaborativos, exercendo o papel de facilitador nos processos de criação, podendo redefinir e racionalizar as etapas, materiais e modos de produção, a fim de valorizar o produto e o produtor.

Design como “criador de espaços”: uma atividade na qual as duas dimensões, a da resolução de problemas e a da produção de sentido, convergem, e na qual novas práticas e culturas devem ser coproduzidas. (MANZINI. E, 2017, p 60).

Com abordagens quali-quantitativas, a presente pesquisa busca compreender as atuações das escolas superiores e órgãos institucionais no artesanato e analisar suas problemáticas. Explorando a interação do artesanato e do design na Paraíba, evidenciando a importância da união cooperativa entre os atores, além de promover o conhecimento multidisciplinar, agregando o fazer popular ao desenvolvimento acadêmico. Com isso, a pesquisa justifica-se no campo acadêmico e cultural.

Além disso, a pesquisa pode trazer importantes contribuições sociais, na medida em que apresentará um retrato das interações atuais e estimulará novas interações entre a academia e o artesanato, demonstrando quão importante e produtivo para ambos pode ser essa relação.

## **1.4 Objetivos**

### **1.4.1 Objetivo Geral**

- Buscar compreender como ocorre o fomento do artesanato paraibano a partir dos órgãos institucionais e cursos superiores de design do estado.

### **1.4.2 Objetivos Específicos**

- Fazer levantamento dos trabalhos com foco no artesanato, produzidos pelas escolas superiores de Design da Paraíba.
- Identificar e entrevistar representantes do design que atuam ativamente com a interação do artesanato e design na Paraíba.
- Coletar dados e compreender as ações realizadas pelo governo do estado, prefeitura e Sebrae da Paraíba em prol do artesanato paraibano.

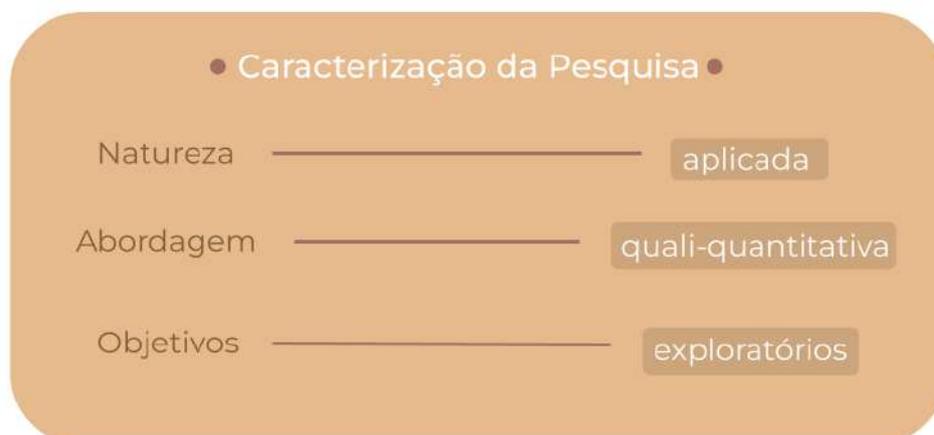
## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para a realização dos objetivos propostos pela pesquisa. Serão apresentadas as tipologias da pesquisa e os procedimentos utilizados para o desenvolvimento da análise determinada.

### 2.1 Tipologia da Pesquisa

As pesquisas surgem a partir de problemáticas e indagações, onde buscam solucionar ou instigar o conhecimento acerca de certo problema ou fenômeno, através de etapas que podem invalidar ou confirmar hipóteses levantadas (LAKATOS; MARCONI, 2002). Em busca de desenvolver a **Análise da Atuação das Escolas Superiores de Design da Paraíba no Artesanato Paraibano**, a presente pesquisa utiliza a **abordagem quali-quantitativa**. Neste tipo de abordagem são combinados os fundamentos qualitativos, que consideram os aspectos que não podem ser quantificados, dando foco a compreensão e identificação de dinâmicas sociais; e os fundamentos quantitativos que baseiam-se em dados, questionários e outras formas de entrevistas, visando a coleta de informações que posteriormente serão analisadas. A mesclagem das duas abordagens visa uma compreensão mais completa acerca da análise proposta.

A finalidade da pesquisa define sua natureza, com isso, esta pesquisa possui sua **natureza aplicada**, pois busca desenvolver resultados que possam ser utilizados na solução de problemas que atingem a realidade (LAKATOS; MARCONI, 2002). Os **objetivos** da Pesquisa são classificados como **exploratórios**, em virtude da necessidade de se desenvolver um conteúdo inédito, até então quase inexplorado (Figura 01).

**Figura 01:** Caracterização da Pesquisa.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

## 2.2 Procedimentos da Pesquisa

Os procedimentos da pesquisa foram estruturados de acordo com os fundamentos e conceitos da bibliografia de LAKATOS; MARCONI (2002), onde são exploradas diversas técnicas, autores e planejamentos de pesquisa. Seguindo os objetivos propostos, a pesquisa possui características: **Bibliográficas** e **Exploratórias**. A seguir serão detalhados os tópicos desenvolvidos para a realização de cada procedimento, que foram apresentados da seguinte forma: Revisão Bibliográfica; Levantamento de Arquivos - Escolas Superiores de Design na Paraíba; Coleta de Dados - Atividades de Fomento; Atuação de Designers com o Artesanato Paraibano (Figura 02).

**Figura 02:** Procedimentos Metodológicos.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

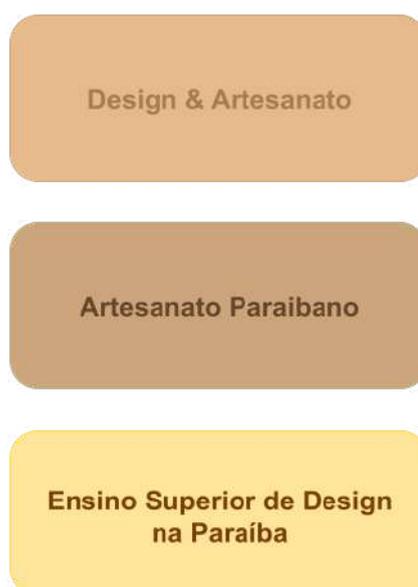
### 2.2.1 Revisão Bibliográfica

Para identificar e compreender as problemáticas e fatos acerca do estudo proposto, nesta etapa, foi realizado um levantamento bibliográfico e coleta de dados, relativos aos assuntos que compõem a pesquisa, a fim de desenvolver um referencial teórico com panorama de acontecimentos históricos, dados e autores relevantes para uma melhor compreensão do objeto de estudo.

Para Manzo (1971:32), a bibliografia pertinente "oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente", e tem por objetivo permitir ao cientista "o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações" (Trujillo, 1974:230). Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (LAKATOS; MARCONI, M. A. 2002, p. 71).

Primeiramente foram definidos os tópicos com os temas principais que estruturam o trabalho, sendo esses: Design e Artesanato; Artesanato Paraibano e Ensino Superior de Design na Paraíba. Com isso, foi possível delimitar a coordenação da leitura (Figura 03).

**Figura 03:** Áreas delimitadas.



**Fonte:** Elaborado pela autora, 2022.

Após a delimitação, deu-se início às pesquisas. Foram utilizados bancos de dados, como principais canais de busca, sendo esses: Google Acadêmico; Scielo; Capes e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações).

### 2.2.2 Levantamento de Arquivos - Escolas Superiores de Design na Paraíba

Com características exploratórias, este levantamento foi desenvolvido a partir de pesquisas realizadas com foco nos repositórios e portais digitais das escolas superiores de design da Paraíba, em busca de trabalhos que abordam o artesanato, considerando: trabalhos de conclusão de curso, projetos de pesquisa, projetos de extensão e dissertações de pós-graduação. Inicialmente foi feita uma consulta para reconhecer a quantidade e localização de todos os cursos de design presentes na Paraíba (Figura 14). Após isso, foi possível averiguar os repositórios e portais de todas as escolas.

A procura nos bancos de arquivos das faculdades se iniciou através do afunilamento (Figura 05) que mantém apenas os materiais dos cursos de design e permite uma busca avançada com uso de palavras-chaves e outros detalhamentos.

**Figura 05:** Afunilamento para pesquisa exploratória nos repositórios.



**Fonte:** Elaborado pela autora, 2022.

Além da busca avançada com delimitação de palavras-chave, os trabalhos que ficaram de fora desse filtro, também foram analisados através de seus resumos, onde foi averiguada a possível existência de temáticas que pudessem englobar o assunto de forma indireta. Para isso foram considerados alguns critérios:

- Pesquisas que abordam a relação do design com práticas artesanais.
- Pesquisas que relacionam práticas, métodos e teorias acerca do artesanato.
- Pesquisas que abordam a temática da identidade de território e produção colaborativa de artefatos artesanais.

Em decorrência da desatualização dos repositórios e número reduzido ou nulo de materiais arquivados, viu-se a necessidade de buscar um outro meio de acessos aos trabalhos. Para isso, foram realizados contatos telefônicos com as escolas superiores de Design da Paraíba, na tentativa de obtenção de mais informações.

### **2.2.3 Coleta de Dados - Atividades de Fomento**

Esta etapa visou a coleta de dados acerca das atuais atividades de fomento, realizadas pelo Governo do Estado da Paraíba, Prefeitura e Sebrae da Paraíba em prol do artesanato paraibano.

Buscando compreender as formas de atuação e funcionamento de cada uma dessas instituições em prol do artesanato local, a coleta de informações foi feita através dos sites oficiais dos órgãos citados. A delimitação e afunilamento desta etapa foi desenvolvida em conjunto com os entrevistados que atuam ativamente com as instituições em foco, facilitando a identificação e entendimento acerca das iniciativas e projetos realizados (Figura 04).

**Figura 04:** Afunilamento das Atividades de Fomento.



**Fonte:** elaborado pela autora, 2022.

#### 2.2.4 Designers que Atuam com Artesanato na Paraíba.

A seguinte etapa foi desenvolvida a fim de identificar representantes do design que atuam com o artesanato paraibano, e entender como funcionam suas atuações. Com isso, foram identificados e escolhidos 4 designers que possuem importante influência no desenvolvimento de atividades de fomento em prol do artesanato. Sendo eles: Eduardo Barroso; Fábio Moraes; Kléber Barros e Lucyana Azevedo (Figura 06).

**Figura 06:** Designers que atuam com o artesanato paraibano.



**Fonte:** elaborado pela autora, 2022.

A partir desta seleção, foi feito um levantamento acerca do perfil e atuação de cada designer, buscando entender o funcionamento da relação design e artesanato na prática e as possíveis influências das escolas superiores de design da Paraíba.

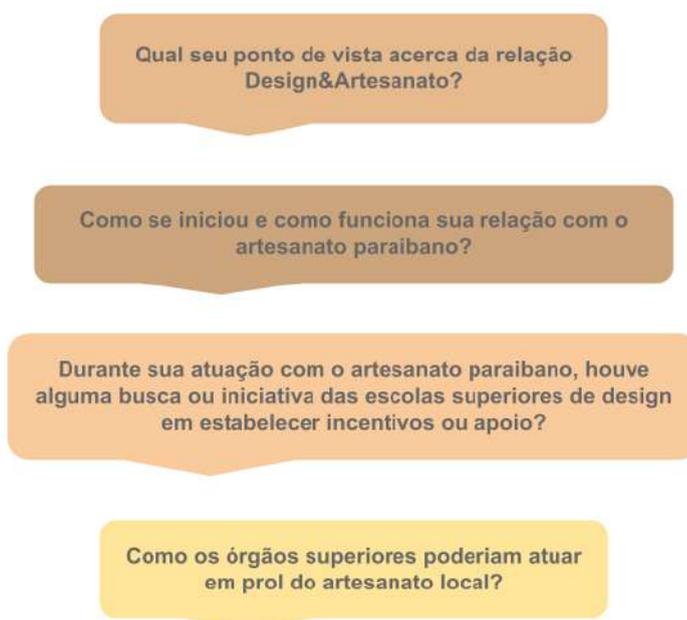
Em meio ao desenvolvimento do levantamento, foi possível estabelecer contato com os profissionais citados e realizar entrevistas em níveis presenciais e remotos, onde foi possível desenvolver os assuntos abordados na pesquisa em contato direto com os participantes.

Sendo assim, ocorreram 4 entrevistas, sendo 2 presenciais e 2 de forma remota. As entrevistas presenciais foram realizadas nos locais de trabalho dos participantes e as remotas por meio de aplicativo de mensagens e e-mails.

Em relação ao planejamento das entrevistas, foi definido de forma **estruturada**, seguindo o mesmo roteiro de perguntas (Figura 07) pré-definidas para todos os participantes, a fim de entender os diferentes pontos de vistas e posicionamentos acerca dos assuntos abordados.

O motivo da padronização é obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, permitindo que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as distinções devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas. (LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. 2002, p. 94, apud, LODI, 1974).

**Figura 07:** Roteiro de perguntas para as entrevistas.



**Fonte:** elaborado pela autora, 2022.

Para as entrevistas presenciais, foram feitas gravações de áudio para registrar as respostas dos participantes. Posteriormente as falas foram transcritas para o documento da pesquisa. Para a gravação foi utilizado aplicativo de gravação de um smartphone.

### 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo será apresentada a revisão bibliográfica realizada acerca dos temas abordados na pesquisa. Apresentando conceitos, teorias e autores importantes para a compreensão das áreas da pesquisa. O capítulo foi dividido em três tópicos, sendo eles: Design e Artesanato, Artesanato Paraibano e Ensino Superior de Design na Paraíba.

#### 3.1 Design e Artesanato

O fazer artesanal está presente em todo o desenvolvimento humano, com isso, compreende-se que a origem do artesanato surge a partir do entendimento do homem acerca de suas necessidades e busca por métodos de adaptação ao ambiente em que vive. Índícios datados por volta do período neolítico (cerca de 6.000 a.C), mostram fragmentos dos primeiros objetos artesanais encontrados. As matérias-primas utilizadas, proviam do que se tinha à disposição, sendo em sua maioria advindos da fauna, flora e minerais. A partir destes materiais, eram criados artefatos que auxiliavam nas demandas diárias. (MACHADO, 2016).

Artefatos, tal como palavras, são produtos da atividade motora humana, produzida através da ação de músculos guiados mentalmente sobre a matéria-prima envolvida. A forma resultante de qualquer artefato é a combinação de unidades estruturais - atributos - que produzem um objeto com uma função específica na cultura que o engendrou. (RIBEIRO, B. G, 1987, p 16).

Por meio de suas atividades e criações, o ser humano vem constantemente modificando o ambiente e a realidade ao seu redor. O artesanato se caracteriza através de toda a prática de desenvolvimento de artefatos através do fazer manual, carregado de conhecimentos empíricos e culturais. Esses artefatos têm o poder de desenvolver e gerar relações sociais que constituem pilares importantes no desenvolvimento individual e coletivo das sociedades. De acordo com Anjos (2021), de maneira interligada, é a partir dos métodos de adaptação estruturados por meio das vivências do homem em sua região e contexto social, que se estabelecem as características e singularidades do artesanato, assim como é através de suas criações e adaptações que o homem se estabelece como sociedade.

Além de sua importância cultural, artística e social, o artesanato carrega uma grande relevância no setor econômico. A princípio desenvolvidos de maneira individual e para suprir as demandas cotidianas, os artefatos artesanais posteriormente ganham novos métodos e espaços de produção, que foram se desenvolvendo a partir dos artesãos.

Anteriormente à Revolução Industrial, toda produção era feita artesanalmente, o que afirma o domínio que os artesãos possuíam e possuem sobre os processos e materiais. Com o desenvolvimento das cidades, os artesãos e artistas se reuniam em grupos e se organizavam em espaços que permitiam a troca de saberes e técnicas, possibilitando a produção em maior escala e transmissão de conhecimentos para a formação de novos produtores. Os artefatos produzidos eram comercializados em sua maioria no espaço urbano, onde se estabeleciam os grandes ateliês. Nos espaços rurais, os produtos eram comercializados por meio de pequenas oficinas. Em ambos os casos, esses espaços cumpriam a função inicial de suprir as necessidades cotidianas do povo. (COVELO, MATEOS, 2010; FREITAS, 2017).

Segundo Cardoso (2004), com o avanço da industrialização, que se iniciou por volta da década de 1870 na Inglaterra, o fazer artesanal que antes era o principal meio de criação, é posicionado em segundo plano e perde seu lugar para a indústria. Com isso, “historicamente o design surge num período de transição do sistema de produção artesanal para o sistema de produção industrial.” (SERAFIM, 2015, p. 17, apud, CARDOSO, 2004). Em uma separação nítida entre o projetar e o fabricar, a produção que anteriormente era executada por artesãos, passa a ser segmentada entre projetistas (designers) que projetam e operários que fabricam a partir de diversas etapas mecanizadas.

Surgido em meio a uma transição, o *design* pode causar dúvidas em relação ao seu verdadeiro significado e função. Seguindo as definições propostas por Lobach (2001), *design* significa projeto, plano, configuração, esboço. Carregado de conhecimentos acadêmicos e técnicos, pode-se denominá-lo como todo o processo projetual e criativo desenvolvido para a projeção de uma solução ou produto.

Tendo sido estruturado junto ao desenvolvimento industrial e tecnológico, o design foi, e é, associado a qualidade e mecanização, enquanto o artesanato se manteve através de artesãos que continuaram produzindo seus próprios produtos como forma de resistência de tradições ou por falta de acesso a produtos advindos

da indústria. Em decorrência disso, o artesanato passou a ser visto como produção inferior e associado a classes sociais desfavorecidas. O que "certamente reflete a visão da sociedade que desvaloriza o que vem das camadas subalternas e reconhece previamente a produção da elite" (BORGES, 2011, p.22).

Diante desta visão, que distanciou o design do artesanato por tanto tempo, por volta das décadas de 1960/80, nomes como Lina Bo Bardi e Aloísio Magalhães iniciaram uma trajetória em busca de novas faces para a identidade do design brasileiro, indo além do padrão da estética da boa forma que era difundido pelo design industrial. (CAVALCANTI, 2017; ROSSI, 2017). Através de pesquisas e exposições realizadas pelos designers, manifestações da cultura popular passaram a conquistar novos espaços na sociedade. A interação do design com o artesanato se mostrou como uma nova maneira de ressignificar e revitalizar as visões acerca do fazer artesanal. (BORGES, 2011). Com o avanço do movimento, novos designers e pesquisadores, como Adélia Borges, Janete Costa, Eduardo Barroso, se dedicaram e propuseram novas atuações e intervenções, unindo a sabedoria popular e o conhecimento erudito, dando continuidade a um novo ciclo de valorização as manifestações culturais do país.

Desde meados dos anos de 1990, com o incentivo de políticas públicas, a relação do design com grupos de produção artesanal vem-se intensificando por meio de ações promovidas por agentes de fomento e agentes executores, órgãos e instituições públicas e/ou privadas que apoiam e financiam projetos para o fomento da produção e da comercialização do artesanato e de núcleos de extensão acadêmica, associações e profissionais autônomos, que desenvolvem e executam ações de design junto a grupos de produção artesanal, respectivamente. (SERAFIM. E. F, 2015, p 45).

Atualmente, a relação do artesanato com o design vem sendo explorada de diversas maneiras, com atuações que aprofundam as técnicas vinculadas ao fazer manual, a cultura do saber popular e os materiais utilizados; em união com os conhecimentos técnicos e acadêmicos do design, em busca de novas possibilidades que ampliem os horizontes e favoreçam uma produção criativa e consciente de suas raízes.

O designer passa a atuar como mediador, desenvolvendo ações junto a grupos de produção artesanal auxiliando na produção, gestão e comercialização do produto e das comunidades artesanais. Devido à relação histórica do design com o processo de produção industrial, as atividades promovidas pelo designer junto ao artesanato ainda são desenvolvidas de maneira bastante intuitiva, visto que as instituições de

ensino de design ainda hoje mantêm seus métodos de ensino voltados para a produção industrial (seriada). (SERAFIM. E. F, 2015, p 20).

Com reconhecimento internacional, o designer Sérgio Matos, formado pela UFCG, é um dos maiores exemplos brasileiros quando falamos da interação design e artesanato. Seguindo os ideais de um design brasileiro rico em identidade cultural, idealizado por Lina Bo Bardi e Aloísio Magalhães, Sérgio encontrou nas vivências e objetos da regionalidade, o poder de exaltar a cultura popular através do design. O designer produz peças de mobiliário e decorativas, carregadas de referências regionais (Figura 08 e 09).

Tudo referendado no caldeirão cultural com tempero mestiço. A base sólida da criação finca os pés na regionalidade, na identidade que resiste ao tempo e preserva técnicas e saberes ancestrais. O feito à mão, com calor humano, estampa o selo da originalidade. (SÉRGIO J. MATOS, 2022).

**Figura 08:** Poltrona Bodocongó, Sérgio Matos.



**Fonte:** Acervo Sérgio Matos, 2022.

**Figura 09:** Poltrona Flor de Mandacaru, Sérgio Matos.



**Fonte:** Acervo Sérgio Matos, 2022.

Além da produção de mobiliários e peças decorativas, Sérgio interage diretamente com comunidades de artesãos, onde busca exercer a troca de saberes. Essa troca resulta em consultorias e capacitações onde “gera oportunidades empreendedoras e resgata sonhos individuais e coletivos”. (SÉRGIO MATOS, 2022).

A interação direta com artesãos de todo o Brasil é um grande diferencial no seu trabalho.

Um dos destaques foi o seu trabalho com os artesãos indígenas e ribeirinhos da Amazônia, através do Projeto Brasil Original, do Sebrae. A proposta era capacitar os grupos em diversos aspectos da atividade, focando desde em melhorias nos produtos e novos métodos de fabricação até a gestão de negócios e ações de mercado. Ao todo, quase 100 artesãos das regiões do Alto Rio Negro, Alto Solimões, Baixo Amazonas, Manaus foram envolvidos na iniciativa. (ARTESOL, 2022).

Na união do design com o artesanato, o designer deve estar não só atento às oportunidades que o ambiente artesanal pode proporcionar, mas também ter como fundamento a responsabilidade e preparo para lidar com as complexidades e singularidades do fazer artesanal. Com respeito e empatia, preservar a atividade, criar ideias enraizadas na cultura e valorização popular, buscando meios de gerar renda para a comunidade de forma cooperativa.

### **3. 2 Artesanato Paraibano**

O artesanato se origina a partir da identidade cultural e territorial de um povo ou região, carregado de valores práticos e simbólicos que se manifestam através dos materiais e técnicas produzidas pelas mãos dos artesãos locais. De acordo com Sousa (2009), no Brasil, a produção de artefatos é reconhecida anteriormente ao seu descobrimento. Através de técnicas de manufatura, os índios que habitavam o território, já produziam seus próprios artefatos para serem usados nas atividades cotidianas e em seus rituais.

Entre os séculos XV e XVI, a colonização estabelece um período de inúmeras intervenções culturais, religiosas e territoriais, dessa forma, o artesanato brasileiro se estrutura por meio de interferências de outros povos, o que promove um espaço complexo para o senso de identificação e formas de expressão do povo local. Fato que posteriormente traça o perfil amplo e variado do artesanato brasileiro até os dias de hoje. (FERNANDES, 2015).

Com sua ampla extensão de terra, o Brasil se divide em 26 estados e um distrito federal, onde cada um deles carrega sua identidade e origens que influenciam e estabelecem a produção e desenvolvimento de artefatos locais/regionais com características singulares.

O artesanato produzido no Norte tem características divergentes do artesanato consumido no Sul do país, assim como o artesanato produzido em comunidades pesqueiras do litoral nordestino possui propriedades distintas do artesanato produzido por comunidades quilombolas no Cariri. A identidade do artesanato brasileiro relaciona-se com a identidade brasileira, ou seja, com a pluralidade de um povo miscigenado e heterogêneo. (DOS ANJOS, R. A. et al., 2021, p 201-202).

Para compreender a magnitude do artesanato paraibano, é essencial reconhecer sua dimensão geográfica. De acordo com a classificação estabelecida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Estado da Paraíba, localizado na região Nordeste, se divide em quatro mesorregiões, sendo: Mata Paraibana; Agreste Paraibano; Borborema e Sertão.

Cada mesorregião possui características sociais e ambientais específicas, que refletem na produção do artesanato local.

É preciso compreender o artesão em seu contexto social macro, onde vivências e significados são capazes de explicar atitudes, valores, preferências e aspirações de um fazer artesanal. Observa-se que a identidade do artesanato se confunde não apenas com a identidade do artesão, mas principalmente com sentimentos de identificação e pertencimento ao território. (ANJOS, R. A, 2020, p 113).

Com isso, além da compreensão acerca da realidade do artesão e seu contexto social, o entendimento das características naturais do espaço geográfico são igualmente significativas. Cada região possui clima, solo, fauna e flora diversificadas. Conseqüentemente as matérias primas encontradas são distintas para os artesãos de cada área. Por exemplo, a região da Mata Paraibana, é composta pela faixa litorânea, além de grandes extensões tomadas pela plantação de cana de açúcar, sendo assim, os artesanatos produzidos pelos artesãos locais são advindos das matérias primas fornecidas por tal ambiente, como mariscos, coco, ossos e fibras. (CHAUDHRY, 2017).

Em busca de fomentar e incentivar o artesanato local, o Estado da Paraíba instituiu o Programa do Artesanato Paraibano (PAP), através do decreto governamental 24.647/2003 de 01/12/2003, é um órgão ligado à Secretaria de

Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico. O PAP gerencia diversas políticas públicas de auxílio aos artesãos, tendo três focos principais: o cadastramento dos artesãos, a realização de capacitações e a realização de feiras. Todas as atividades são desenvolvidas visando a divulgação da cultura e melhorias nas condições de vida dos artesãos. (SOBRINHO, 2016). Instituições públicas como Governo do Estado e Prefeituras Municipais, funcionam em parceria com o programa (PAP) e órgãos de financiamento, como o Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE), agente fundamental nas atividades em prol do artesão paraibano. Através dessas parcerias, os três focos principais citados, são estruturados e postos em prática em prol da divulgação e desenvolvimento das atividades de fomento ao artesanato e artesãos.

Através do cadastramento dos artesãos, o PAP desenvolve uma curadoria, que lista e classifica as tipologias que definem o artesanato paraibano. São elas: Algodão Colorido; Artesanato Indígena; Fibras; Renda Renascença; Labirinto; Bordados; Couro; Madeira; Cerâmicas; Metal; Pedras; Brinquedos Populares; Croche; Tricot; Conchas; Mariscos; Escamas; Tecelagem; Papel Biscuit; Mosaico; Batik; Fuxico; Patchwork; Macramê; Renda Filé; Ossos; Habilidades Manuais; Cordel e Xilogravura. (PAP, 2022) (Figura 10 e 11).

**Figura 10:** Tipologias do Artesanato Paraibano.



**Fonte:** elaborado pela autora, 2022. **Fotos:** PAP, 2020.

**Figura 11:** Tipologias do Artesanato Paraibano.



**Fonte:** elaborado pela autora, 2022. **Fotos:** PAP, 2020.

Além dos serviços de apoio, o programa mantém espaços físicos fixos, sendo: MAP (Mercado de Artesanato Paraibano); CRAP (Centro de Referência do Artesanato Paraibano); CAT (Centro de Artesanato Júlio Rafael); Museu do Artesanato Paraibano Janete Costa; Casa do Artesão e CRENÇA (Centro de Referência da Renda Renascença) (Figura 12 e 13). Esses espaços possibilitam a divulgação, valorização e comercialização dos produtos de forma sistematizada.

**Figura 12:** Espaços do Programa de Artesanato Paraibano.



**Fonte:** elaborado pela autora, 2022. **Fotos:** PAP, 2020.

**Figura 13:** Espaços do Programa de Artesanato Paraibano.



**Fonte:** elaborado pela autora, 2022. **Fotos:** PAP, 2020.

Através das ações e programas de incentivo, no ano de 2017, João Pessoa foi selecionada para integrar a Rede Mundial de Cidades Criativas da UNESCO, no segmento de artesanato e arte popular. “O objetivo dessa rede é posicionar a economia criativa no centro das políticas públicas municipais, estimulando o intercâmbio de especialistas e divulgando as melhores práticas em ações de interesse comum.” Afirma Eduardo Barroso (2017), coordenador do projeto na

cidade paraibana. O título, que foi concedido através de análises acerca das propostas e programas promovidos pelas instituições e iniciativas no estado, promove e estimula projetos e ações contínuas em prol do segmento reconhecido.

Após 4 anos do recebimento do título, é feita uma reavaliação dos projetos anteriores e das novas propostas, a partir disso, é decidido se a cidade permanece com o título ou não. A reavaliação foi feita, e no atual ano de 2022, João Pessoa continua com o reconhecimento de Cidade Criativa da UNESCO. Com isso, gera expectativas de novos projetos que fomentem o artesanato e a cultura popular na capital, pois apesar do título e da existência de políticas públicas e espaços destinados a ações de fomento, como o espaço Celeiro Criativo mantido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, estas ainda são insuficientes para um bom escoamento dos produtos, capacitação e divulgação dos artesãos.

Por fim, vale ressaltar que embora a capital paraibana tenha o título de cidade criativa, o artesanato Paraibano tem sua maior representatividade no interior do estado.

### **3. 3 Ensino Superior de Design na Paraíba**

A história do ensino de design no Brasil, é arquitetada seguindo os fundamentos do ensino europeu, tendo como principais influências a Bauhaus e a Escola de Ulm. (PEREIRA, 2009). Apesar dos anos de evolução, existem poucas pesquisas que retratam o processo histórico, consolidação e desenvolvimento do ensino de design no país.

A criação do MASP (Museu de Arte de São Paulo), no ano de 1947, proporcionou e promoveu espaços e interações importantes acerca das relações entre arte, design, artesanato e indústria. Posteriormente, no ano de 1951, o Masp inaugurou o IAC (Instituto de Arte Contemporânea), através dos estímulos de Pietro Bardi, Lina Bo Bardi e o arquiteto suíço Jacob Ruchti. Apesar de sua curta duração, o IAC “foi a semente do ensino do design, de nível superior, no Brasil”. (NIEMEYER, 2007, p 66).

Além do IAC, outras tentativas de implantação do ensino superior de design surgiram entre 1950 e 1960 no Museu de Arte Moderna (MAM) e no Instituto de Belas Artes, ambos no Rio de Janeiro. Nesse sentido, é possível sugerir que as primeiras tentativas de implantação e estruturação de cursos de

design no Brasil seguiram sempre o padrão europeu com a intenção de desenvolver a indústria no país. (ANGELICO, A. M. D, et al., 2017, p 606)

Mas é só no ano de 1962 que a primeira escola de design em nível superior é fundada. Estabelecida no Rio de Janeiro, a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) foi um grande marco histórico para o ensino de design no Brasil. (NIEMEYER, 2007). A ESDI foi configurada seguindo os padrões e ideais desenvolvidos nas escolas europeias e se tornou um grande símbolo de referência para o surgimento de novos cursos de design em todo o país.

Na Paraíba, o primeiro curso superior de design teve início no ano de 1978, em um dos campus da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) localizado na cidade de Campina Grande. Porém, no ano de 2003 com o desmembramento da UFPB, o curso passou a pertencer à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Inicialmente estruturado com professores vindos do Rio de Janeiro e São Paulo, o curso era intitulado como Bacharelado em Desenho Industrial e era composto por três blocos fundamentais: formação técnica, operacional e humanística. (UAD, 2022).

Vale salientar que o Laboratório de Desenho Industrial foi instrumento importante para o design da Paraíba e para o cenário do design nacional, através de eventos e ações como o Primeiro Workshop de Pós-Graduação em Design no Brasil, o Curso de Atualização em Design de Produto, ministrado pelos professores Gui Bonsiepe, Petra Kellner e Holger Poessnecker, gerando a publicação pelo CNPq sob título Método Experimental: desenho industrial, o Curso de Atualização de Fotografia Profissional, em parceria com a Fundação Parque Tecnológica da Paraíba, a 3ª e a 4ª Semana de Design da Paraíba, 1º, 2º e 3º Seminário Internacional de Software Design e a exposição Paraíba Mostra Design. (UAD, 2022).

Posteriormente, no início de 2007, se iniciou o primeiro semestre do curso de design da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizado no Município de Rio Tinto. Possui como objetivo principal: “qualificar profissionais habilitados para a concepção, projeto e acompanhamento da produção de produtos a serem multiplicados pelos diversos meios de reprodução existentes” (DESIGN UFPB, 2021). Em 2011, são aprovados os primeiros cursos de design em nível tecnológico, no Instituto Federal da Paraíba, com campus localizados na capital paraibana e no município de Cabedelo, se especializam nas áreas de design de interiores e design gráfico, ambos com duração de 4 semestres. Já no ano de 2014, foi aprovado o

Mestrado em Design de Produto na UFCG, sendo o primeiro curso de pós-graduação do estado, fato de grande relevância para o desenvolvimento acadêmico da pesquisa em design na Paraíba.

O surgimento e estruturação do ensino de design nas universidades e institutos federais, abriram novas portas e visões acerca do design na Paraíba, com isso, impulsionou o surgimento de cursos de design também nas faculdades privadas, que trouxeram novas opções, a partir de cursos especializados nas tipologias que possuem maior visibilidade.

De acordo com o GUIA DO ESTUDANTE (2022), atualmente, a Paraíba possui 8 instituições que oferecem cursos presenciais de design em nível superior, somatizando 16 cursos (11 em nível tecnológico, 2 bacharelados, 2 especializações e 1 mestrado), que se estruturam dentre 4 tipologias, sendo essas: interiores, moda, gráfico e produto, sendo interiores a área que fornece mais opções para os estudantes (Figura 14). Apesar da amplitude do território paraibano, a maioria desses cursos se concentram nos grandes centros como João Pessoa e Campina Grande.

**Figura 14:** Escolas Superiores de Design na Paraíba, Localizações e Tipologias.

DESIGN DE MODA	DESIGN GRÁFICO	DESIGN DE PRODUTOS	DESIGN DE INTERIORES
<p><b>UNIPÊ</b></p> <p>João Pessoa - Tecnológico</p>	<p><b>IFPB</b></p> <p>Cabedelo - Tecnológico</p> <p><b>ESTÁCIO</b></p> <p>João Pessoa - Tecnológico</p> <p><b>UNIPÊ</b></p> <p>João Pessoa - Tecnológico</p>	<p><b>UFPB</b></p> <p>João Pessoa - Bacharelado</p> <p><b>UFCG (2)</b></p> <p>Campina Grande - Bacharelado e Mestrado</p> <p><b>UNIPÊ</b></p> <p>João Pessoa - Tecnológico</p>	<p><b>FPB</b></p> <p>João Pessoa - Tecnológico</p> <p><b>FATEC/UNIESP (3)</b></p> <p>João Pessoa - Tecnológico e Pós Grad</p> <p><b>IFPB</b></p> <p>João Pessoa - Tecnológico</p> <p><b>UNIPÊ</b></p> <p>João Pessoa - Tecnológico</p> <p><b>MAURÍCIO DE NASSAU (2)</b></p> <p>João Pessoa e Campina Grande - Tecnológico</p>

Fonte: Guia do Estudante, 2022.

**Fonte:** elaborado pela autora, 2022. **Dados:** Guia do Estudante, 2022.

## 4 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos ao longo da pesquisa, que integram e estruturam o desenvolvimento da análise proposta. E serão apresentados de acordo com os seguintes procedimentos: Levantamento de Arquivos - Escolas Superiores de Design na Paraíba; Coleta de Dados - Atividades de Fomento; Designers que Atuam com Artesanato na Paraíba.

### 4.1 Levantamento de Arquivos - Escolas Superiores de Design na Paraíba

A seguir serão apresentadas as tabelas (Tabelas 1, 3, 4 e 6) que listam de forma quantitativa, o levantamento dos arquivos investigados. Considerando, trabalhos de conclusão de curso (TCC), projetos de pesquisa, projetos de extensão e dissertações de pós-graduação. Em seguida, uma breve apresentação das teses e projetos encontrados (Tabelas 2, 5 e 7).

#### 4.1.1 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)

**Tabela 1:** Trabalhos de Conclusão de Curso

Universidade Federal da Paraíba - UFPB	<a href="https://repositorio.ufpb.br/">https://repositorio.ufpb.br/</a>	2 arquivos encontrados
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG	<a href="http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/">http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/</a>	3 arquivos encontrados
Instituto Federal da Paraíba - IFPB	<a href="https://repositorio.ifpb.edu.br/">https://repositorio.ifpb.edu.br/</a>	nenhum arquivo encontrado
UNIPÊ	<a href="https://bdtcc.unipe.edu.br/">https://bdtcc.unipe.edu.br/</a>	1 arquivo encontrado
Maurício de Nassau	<a href="http://repositorio.sereducacional.com/">http://repositorio.sereducacional.com/</a>	nenhum arquivo encontrado
Estácio	<a href="http://repositorio.savaestacio.com.br/">http://repositorio.savaestacio.com.br/</a>	nenhum arquivo encontrado
Faculdade Internacional da Paraíba - FPB	<a href="https://repositorio.animaeducacao.com.br/">https://repositorio.animaeducacao.com.br/</a>	nenhum arquivo encontrado
Faculdade de Tecnologia da Paraíba - FATEC/UNIESP	<a href="https://fatecpb.edu.br/institucional/publicacoes">https://fatecpb.edu.br/institucional/publicacoes</a>	nenhum arquivo encontrado

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A tabela 2 demonstra os títulos dos TCC 's encontrados nas instituições, os quais versam sobre a temática do artesanato:

**Tabela 2:** Arquivos Encontrados.

<b>UFPB</b>	O design como motivador de um novo olhar ao cordel, através da criação de uma cristaleira inspirada na obra do Pavão Misterioso, 2021. Vytoria Karolyna da Silva Jerônimo.
<b>UFPB</b>	Valorização do processo artesanal: utensílio de trabalho para limpeza de peixe, 2019. Samara Araújo da Silva.
<b>UFCG</b>	Luminária Lacê: A Luz da Renascença, 2018. Maria Isabelly Silva Santos.
<b>UFCG</b>	Design e Território: Desenvolvimento de coleção de adornos com referências nas itacoatiaras de ingá - pb para produção local, 2019. Elyziane Ferreira Borges.
<b>UFCG</b>	Estrutura portátil para feiras itinerantes de artesanato e produtos artesanais, 2017. Thiago Vinicius Araujo Celestino.
<b>UNIPÊ</b>	Artesanato em Foco: Novos caminhos para a moda, através da tecelagem da cidade de São Bento, 2017. Maria Luisa Cavalcanti Ramalho.

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2022.

#### 4.1.2 Projetos de Pesquisa

**Tabela 3:** Projetos de Pesquisa.

Universidade Federal da Paraíba - UFPB	nenhum projeto encontrado
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG	nenhum projeto encontrado
Instituto Federal da Paraíba - IFPB	nenhum projeto encontrado
UNIPÊ	nenhum projeto encontrado
Maurício de Nassau	nenhum projeto encontrado
Estácio	nenhum projeto encontrado
Faculdade Internacional da Paraíba - FPB	nenhum projeto encontrado
Faculdade de Tecnologia da Paraíba - FATEC/UNIESP	nenhum projeto encontrado

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2022.

### 4.1.3 Projetos de Extensão

**Tabela 4:** Projetos de Extensão.

Universidade Federal da Paraíba - UFPB	6 projetos encontrados
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG	nenhum projeto encontrado
Instituto Federal da Paraíba - IFPB	nenhum projeto encontrado
UNIPÊ	1 projeto encontrado
Maurício de Nassau	nenhum projeto encontrado
Estácio	nenhum projeto encontrado
Faculdade Internacional da Paraíba - FPB	nenhum projeto encontrado
Faculdade de Tecnologia da Paraíba - FATEC/UNIESP	nenhum projeto encontrado

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2022.

A tabela 5 demonstra os Projetos de Extensão encontrados nas instituições, os quais versam sobre a temática do artesanato:

**Tabela 5:** Projetos Encontrados.

UFPB	De Mãos Dadas: diálogos entre design e artesanato, 2022. Profa. Myrla Torres.
UFPB	Identidade Cultural de João Pessoa e áreas de influências: memórias, referências e aplicações (FASE 01 - CAMPO), 2018-2019. Prof. Kléber Barros.
UFPB	Identidade Cultural de João Pessoa: memórias, referências e aplicações (Ano2), 2019-2020. Prof. Kléber Barros.
UFPB	Colmeia Criativa: Design & Cultura Material - Ano III, 2017. Prof. Washington Ferreira.
UFPB	Oficinas Criativas: integração acadêmica e social por meio de realização de cursos e workshops em design, arte e economia criativa, 2017. Prof. Washington Ferreira.
UFPB	Oficinas Criativas: integração acadêmica e social por meio de realização de cursos e workshops em design, arte e economia criativa, ano II, 2018. Prof. Washington Ferreira.

<b>UNIPÊ</b>	<b>MANGAIO CRIATIVO, 2022.</b> <b>Profa. Esp. Valesca Sperb Lubnon.</b>
--------------	--

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2022.

#### 4.1.4 Teses de Mestrado e Especializações

**Tabela 6:** Dissertações de Mestrado e Especializações.

<b>MESTRADO -</b> Universidade Federal de Campina Grande - UFCG	<a href="http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/">http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/</a>	<b>6 teses encontradas</b>
<b>ESPECIALIZAÇÕES (2) -</b> UNIESP	<a href="https://fatecpb.edu.br/institucional/publicacoes">https://fatecpb.edu.br/institucional/publicacoes</a>	<b>nenhum arquivo encontrado</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2022.

A tabela 7 demonstra as Dissertações de Mestrado encontradas nas instituições, as quais versam sobre a temática do artesanato:

#### UFCG

**Tabela 7:** Dissertações de Mestrado.

<b>A identidade da atividade artesanal e sua relação com a produção em couro da cooperativa Arteza, 2019.</b> <b>Mariana Santana de Oliveira.</b>
<b>Avaliação da intervenção do design no processo produtivo de uma cooperativa de couro situada no Estado da Paraíba, 2022.</b> <b>Ana Amélia Albuquerque de Oliveira Castanha.</b>
<b>Dos saberes imateriais à concepção dos artefatos: uma etnografia do design vernacular em um quilombo da Paraíba, 2020.</b> <b>Walisson Adalberto dos Santos.</b>
<b>Design e artesanato: Uma avaliação de ações de fomento em associações de artesãs na Paraíba, 2020.</b> <b>Raissa Albuquerque dos Anjos.</b>
<b>Do artesanal ao digital: um estudo da apropriação da linguagem visual da xilogravura popular nordestina em vídeos de animação, 2017.</b> <b>Wilson Gomes de Medeiros.</b>
<b>Os suvenires da Pedra do Ingá: um estudo sobre a comunicação da identidade do território no artefato, 2022.</b> <b>Elyziane Ferreira Borges.</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2022.

#### 4.1.5 Participação da Universidade Federal de Campina Grande no Salone Internazionale del Mobile 2022.

Apesar do foco do levantamento serem trabalhos de conclusão de curso (TCC), projetos de pesquisa, projetos de extensão e teses de pós-graduação, a participação da UFCG no Salone Internazionale del Mobile 2022 que ocorreu em Milão, na Itália, deve ser reconhecida e exaltada.

O salão é reconhecido como o principal evento de design e mobiliário, e neste ano apresentou sua 60ª edição. A UFCG marcou presença e foi representada por alunos e egressos. Os trabalhos foram expostos no Salone Sattelite, espaço destinado à união entre pesquisa, design e indústria. Os participantes desenvolveram produtos com referências no artesanato local e representações da cultura popular paraibana (Figura 15).

Além do Burrego, revisteiro e bar inspirado no burro, animal que tanto ajudou no desenvolvimento socioeconômico dos sertanejos, e da poltrona Cocar, que remete à cultura indígena brasileira, foram expostas quatro luminárias: uma com pedras ornamentais típicas da região dos Cariris Paraibanos (Floor Lamp); a Badok, que lembra o brinquedo artesanal infantil conhecido como badoque ou balinheira, a Labirinto, que homenageia a renda do mesmo nome, artesanato tradicional da cidade de Ingá, na Paraíba, e a luminária Escapulário, representando a forte religiosidade brasileira das cidades do interior. (PORTAL UFCG, 2022).

**Figura 15:** Produtos expostos pelos representantes da UFCG.



Fonte: portal UFCG, 2022.

## 4.2 Coleta de Dados - Atividades de Fomento

Na Paraíba, as atividades de fomento em prol do artesanato paraibano são promovidas majoritariamente pelas seguintes instituições: SEBRAE, Governo do Estado e Prefeituras locais.

No ano de 2003, o Governo do Estado criou o Programa do Artesanato Paraibano - PAP, como uma iniciativa de fomento ao artesanato, que estimula o segmento econômico, gerando oportunidades, trabalho e renda para os artesãos. Além de funcionar como campo de estímulo para a preservação da cultura regional e identidade dos artesãos locais. O programa foi responsável pelo desenvolvimento da curadoria que cataloga as tipologias do artesanato paraibano (Figura 10 e 11) e administração dos espaços físicos como os museus e mercados (Figura 12 e 13) que abrem espaços para a valorização e comercialização dos produtos artesanais. Além dos espaços permanentes, no atual ano de 2022, foram ocupados espaços temporários, nos principais shoppings da capital paraibana, que tiveram importante papel de vitrine de divulgação e comercialização (Figura 16). O espaço também recebeu artesãos que puderam compartilhar seus processos e técnicas de produção com os visitantes.

**Figura 16:** Espaço do Artesanato - Manaira Shopping.



**Fonte:** maisPB, 2022.

Além dos locais administrados pelo PAP (Figura 12 e 13), em 2018 a Prefeitura Municipal de João Pessoa - PMJP, inaugurou o Celeiro Espaço Criativo (Figura 17), que se destacou entre os artesãos e artistas, além de entrar para a rota

do turismo cultural da capital paraibana. O espaço conta com a exposição de obras de mais de 140 artesãos e artistas plásticos do estado. Com entrada gratuita, os visitantes podem apreciar exposições além de comprar as peças expostas. O celeiro também promove oficinas de arte, lançamentos, desfiles, dentre outras atividades que impulsionam a economia criativa através da cultura.

**Figura 17:** Celeiro Espaço Criativo.



**Fonte:** Dayse Euzébio, 2019.

Considerando-a a maior atuante do estado em relação ao artesanato, a pesquisa foi delimitada explorando ações promovidas apenas pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, porém, reconhece que outras prefeituras do estado, também promovem ações distintas de acordo com as necessidades e parcerias locais de cada região.

O PAP gerencia diversas ações de políticas públicas de apoio aos artesãos e possui três focos principais: o cadastramento dos artesãos, a realização de capacitações e a realização de feiras. Desde sua criação, o programa mantém parceria efetiva com o Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa - SEBRAE, “sendo referência e exemplo de sucesso de uma gestão compartilhada que consegue avançar promovendo o desenvolvimento da cadeia produtiva do artesanato do estado”. (PAP, 2022).

O SEBRAE possui o Programa Sebrae de Artesanato e propõe “uma base conceitual que facilite o planejamento, a execução e o monitoramento de projetos e ações a partir da definição das categorias artesanais, estratégias e orientações de

intervenção e indicadores de desempenho” (SEBRAE, 2010, p.11). O modelo de intervenção utilizado pelo órgão oferece capacitações, consultorias, workshops e palestras visando a qualificação do artesão como empreendedor e gestor de suas produções.

A prefeitura, através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho - Sedest, promove ciclos de capacitação para artesãos (Figura 18 e 19), que ocorrem no SEBRAE, onde a cada ciclo são oferecidas diferentes abordagens e temas como: oficinas sobre mídias sociais: como vender na internet; fotografia; identidade visual; posicionamento de marca; precificação e oratória.

Os artesãos podem se cadastrar para receber novas informações acerca das futuras programações. Os inscritos são adicionados em grupos onde podem fazer suas inscrições e garantir as respectivas vagas.

**Figura 18:** Capacitação com Fábio Morais.



**Fonte:** Prefeitura de João Pessoa, 2022.

Alguns dos ciclos contam com o apoio da Universidade Federal da Paraíba, através da participação do professor Kléber Barros, do curso de Design. Kléber oferece capacitações explorando o campo da fotografia (Figura 19), com o objetivo de compartilhar conhecimentos e técnicas que facilitem a produção fotográfica de forma mais acessível e prática para os artesãos.

**Figura 19:** Capacitação Fotográfica com Kléber Barros.



**Fonte:** Prefeitura de João Pessoa, 2022.

As instituições citadas atuam de forma cooperativa facilitando a atuação das atividades de fomento no estado. Anualmente, Governo do Estado e SEBRAE se unem a outras diversas instituições e marcas para promover o Salão do Artesanato Paraibano, que neste ano apresentou sua 34ª edição (Figura 20), homenageando o bordado, tipologia do artesanato presente em diversas regiões da Paraíba. O Salão conta com uma mega estrutura e é o evento mais esperado do ano no campo do artesanato no estado e contou com 400 expositores. Com grande resposta para o campo econômico do setor artesanal, nesta edição foram comercializados mais de 436 mil reais. (PAP, 2022).

**Figura 20:** 34ª Edição do Salão do Artesanato Paraibano.



**Fonte:** Eric Mateus, 2022.

Embora o Salão aconteça apenas uma vez ao ano, a Prefeitura também promove feiras itinerantes pela cidade. Como por exemplo a Feirinha da Economia Criativa, promovida pela Secretaria de Desenvolvimento Social - SEDES, que teve sua última edição no Largo de Tambaú, promovendo a economia criativa e espaço de divulgação para os artesãos. Para participar da feira, os artesãos devem se inscrever diretamente no órgão responsável, apresentando o detalhamento dos produtos a serem expostos. Outras feiras como a Feira Móvel do Produtor (Figura 21) e a Feira Emlur Criativa são promovidas a partir do projeto No Balaio, empreendimento social criado em 2019 responsável pela realização de mais de 15 feiras de economia criativa. A partir de parcerias com o poder público, abrem novos espaços para a atuação dos artesãos.

**Figura 21:** Feira Móvel do Produtor.



**Fonte:** Kleide Teixeira, 2022.

**Figura 22:** Feira da Economia Solidária.



**Fonte:** Secom, 2022.

### 4.3 Designers que Atuam com Artesanato na Paraíba

A fim de compreender como funciona e pode funcionar a atuação de designers com o artesanato paraibano, foram selecionados 4 designers que atuam na prática com esta interação. A seguir serão apresentados os respectivos perfis e suas atuações, juntamente com as entrevistas que foram realizadas.

**Figura 23:** Eduardo Barroso.



**Fonte:** elaborado pela autora, 2022.

Nascido em Belo Horizonte, no ano de 1953, Eduardo Barroso Neto é um designer brasileiro que possui uma brilhante trajetória nacional e internacional. Atuando não só como designer mas também como palestrante e consultor, atualmente exerce a função de coordenador do programa João Pessoa Cidade Criativa da Unesco.

Além disso, dentre suas diversas atuações, participou do grupo de designers do CETEC - Centro Tecnológico de Minas Gerais, nos anos 70. Possui mestrado em Urban Design pela Lausanne na Suíça. Foi diretor do LBDI - Laboratório Brasileiro de Design Industrial em Florianópolis durante os anos oitenta. Criou e dirigiu o Centro de Design do Ceará nos anos noventa; Diretor do ICSID - Conselho Internacional das Organizações de Design Industrial durante dois mandatos; Jurado da UNESCO nos prêmios de excelência em artesanato na América Latina (Salvador, Lima, Montevideo, Santiago e Havana); Professor e conferencista convidado em mais de 20 países; Autor de vários livros sobre iconografia e identidade cultural.

Em sua trajetória com o artesanato, ministrou workshops, palestras, capacitações e consultorias visando atividades de fomento. No ano de 1995, coordena na Colômbia a criação dos Laboratórios de Design para o Artesanato e a

Pequena Empresa. Em 1999, volta a Colômbia e também ao México para coordenar missões técnicas para conhecer programas de apoio ao artesanato.

- **Você poderia falar um pouco sobre seu ponto de vista acerca da relação Design e Artesanato?**

“Primeiro é importante entender que existem categorias de artesanatos. Que eu conceituo como: artesanato tradicional; artesanato de referência cultural; artesanal autoral/conceitual e artesanato doméstico ou manualidades. É importante entender de qual artesanato você vai se referir (...) Então essa aproximação do Design com o Artesanato, não é uma coisa tão trivial como parece, porque se ela não for feita de modo cauteloso, ela pode ser até mais prejudicial. Tem que ser um trabalho muito responsável e contínuo. Não basta vir, criar uma nova coleção e ir embora. (...) Acredito que é necessária uma escuta sensível, escutar o artesão e ser empático, tentar descobrir o que eles têm pra contar. E a partir disso, entender o que pode ser feito... De olho no mercado, o que o mercado não tem? o que está precisando? o que está demandando? Esse casamento com o mercado também é muito importante.”

- **Como se iniciou e como funciona sua relação com o artesanato paraibano?**

“Em 1983, fui convidado para palestrar na primeira Feira de Artesanato da Paraíba, foi meu primeiro contato com o Artesanato Paraibano. 10 anos depois, teve o primeiro Seminário Brasileiro de Artesanato e eu voltei para a Paraíba para trazer a experiência do Laboratório Brasileiro de Design dirigido em Florianópolis. Voltei algumas outras vezes, mas foi no ano de 2009, na Itália, a convite da UNESCO, que fui convidado para ser uma espécie de “embaixador”, “promotor” da rede Cidades Criativas da América Latina, que estava sendo criada. Me pediram que identificasse algumas cidades para participar. E na época estava sendo construída a casa do artista popular aqui em João Pessoa, além de outros trabalhos que a Marielza(ex-primeira dama) estava fazendo no PAP, com isso, achei que a cidade merecia o título de Cidade Criativa do Artesanato, mas na época o projeto ficou estagnado por questões políticas. Mas em 2017 o SEBRAE me trouxe para uma palestra e a prefeitura se sensibilizou pela ideia. A partir disso, montei um dossiê para o projeto de Cidade Criativa (...) Então minha relação com artesanato paraibano se iniciou há muito tempo, mas só se sedimentou realmente nos últimos 4 anos.”

- **Durante sua atuação com o artesanato paraibano, houve alguma busca ou iniciativa das escolas superiores de design em estabelecer incentivos ou apoio?**

“Nós procuramos as escolas e tiveram interesse, tanto é que fizemos um acordo com a federal da paraíba que nos cedeu o professor Kléber, por um ano e meio, em metade dos seus horários. Com essa participação organizamos os primeiros Salões de Artesanato da Paraíba e a pesquisa sobre as referências culturais e iconográficas de João Pessoa. Com a UFCG também, levamos a ideia de ter um laboratório e se entusiasmar, começaram a fazer umas visitas com a gente. E agora estamos em busca de formalizar esse acordo, com Universidade, Sebrae e Governo, para dar início ao laboratório. Nós que procuramos as federais e particulares e tiveram posicionamento positivos...então acredito que há interesse sim.”

- **Como as universidades e os cursos de Design poderiam atuar em prol do artesanato paraibano?**

“Em primeiro lugar, se a universidade levar a sério o tripé que a consagra, que é Ensino, Pesquisa e Extensão. Teoricamente, essas coisas seriam interligadas, as pesquisas te apontam caminhos, você desenvolve, cria resultados e esses resultados tem que ser compartilhados com a comunidade...que seria a Extensão, que por sua vez alimenta de necessidades, expectativas, que te orienta a pesquisa...Então é isso, se ela começa a investir mais em pesquisa e extensão, já tá de bom tamanho, o caminho primeiro é esse. Segundo é tirar esse preconceito com o artesanato, com a arte popular...elas é que são nosso patrimônio mais verdadeiro, então a gente não deveria desprezar, pelo contrário, deveria valorizar. Mas para isso, é preciso conhecer, porque só se ama aquilo que você conhece.”

**Figura 24:** Fábio Morais



**Fonte:** elaborado pela autora, 2022.

Designer formado pela Universidade Federal de Campina Grande e atual estudante do curso de arquitetura e urbanismo, Fábio Morais, conhecido como Fábio Boca, é o atual Diretor do Museu do Artesanato Paraibano Janete Costa. Iniciou sua trajetória com o artesanato no ano de 2003 através da Rede Paraíba Design do Sebrae e desde então se faz presente em todas as atividades de fomento ao artesanato na capital paraibana.

- **Como se iniciou e como funciona sua relação com o Artesanato Paraibano?**

“Comecei a trabalhar com o artesanato paraibano em 2003 quando entrei na Rede Paraíba Design, que era uma rede estadual de design criada pelo Sebrae, e onde fui estagiário do Núcleo de Artesanato. A partir daí comecei a conhecer e visitar comunidades de artesanato para acompanhar consultorias que eram financiadas pela Rede e onde foram desenvolvidas capacitações para melhorias de qualidade e desenvolvimento de produtos. Nesta época também tive a oportunidade de conhecer as feiras de artesanato que aconteciam no País, como a Mão de Minas, em Belo Horizonte, o Salão de Cerâmica no Paraná em Curitiba dentre outros.”

- **Durante sua atuação com o artesanato paraibano, houve alguma busca ou iniciativa das escolas superiores de design em estabelecer incentivos ou apoio?**

“Sou formado em Desenho Industrial pela UFCG e quando ainda estudante, tentei levar como trabalho final um projeto utilizando o artesanato, mas foi negado pois o processo não envolvia indústria, e isto demonstrava que havia uma distância entre o curso de design e o artesanato. Desta forma, com a experiência que vivenciava no artesanato, a faculdade ou qualquer outro curso jamais se aproximou da produção artesanal do Estado.”

- **Como as universidades e os cursos de Design poderiam atuar em prol do artesanato paraibano?**

“Integrar a universidade com as comunidades e os grupos artesanais seria uma grande oportunidade de desenvolver uma grande troca, onde alunos conheceriam a cultura, as técnicas e materiais utilizados pelos artesãos, em contrapartida as comunidades ganhariam conhecimentos sobre criatividade, qualidade e desenvolvimento de produtos, projetos gráficos, etc. Isto geraria uma roda de economia sócio criativa com geração de renda para os grupos e produtos com uma identidade mais forte para os profissionais.”

**Figura 25:** Kléber Barros

**Fonte:** elaborado pela autora, 2022.

Designer formado pela Universidade Federal de Campina Grande, Kléber Barros é professor adjunto da Universidade Federal da Paraíba desde 2010 e atualmente, Coordenador do Curso de Design da instituição. Além da graduação, trilhou sua carreira acadêmica com mestrado em Engenharia de Produção na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com Dissertação de mestrado focado nos estudos da produção artesanal da Renda de Bilro, e Doutorado em Engenharia Industrial pela Universidade de Grenoble Alpes, na França. De 2018 a 2020 faz parte do time de gestores do programa João Pessoa Cidade Criativa da UNESCO, onde participou de diversos projetos com foco no incentivo ao artesanato paraibano e sua conexão com o Design, a exemplo da organização dos dois Salões de Design da Paraíba. Atualmente continua sendo colaborador do programa de forma voluntária.

- **Você poderia falar um pouco sobre seu ponto de vista acerca da relação Design e Artesanato?**

“O Design, a partir do seu surgimento acadêmico no Brasil, através da ESDI na década de 60, sempre esteve muito ligado apenas à produção industrial. Com as mudanças globais e a chegada do século XXI a atividade se viu obrigada a se expandir e abarcar outras formas de atuação, entre elas a produção artesanal. O resgate dos valores locais, da produção em baixa escala, do uso de recursos naturais, dos saberes ancestrais tornaram-se elementos potentes de estudo e atuação do Design. Hoje, vejo essa relação como essencial e bastante promissora para a nova geração de profissionais.”

- **Como se iniciou e como funciona sua relação com o artesanato paraibano?**

“Desde a minha graduação em 2004 venho me aproximando da temática. Mesmo tendo trabalhado na indústria após formado, sempre mantive um olho da produção artesanal. No meu mestrado, fui estudar a produção artesanal da Renda Bilro em Natal-RN. Lá passei 3 anos me dedicando a essa temática. Mais recentemente (2018) a convite da Prefeitura Municipal de João Pessoa pude integrar o time de gestores do Programa Cidade Criativa da Unesco. Durante 2 anos trabalhamos intensamente com essa relação entre Design e Artesanato, buscando promover melhorias e incrementos no artesanato local. Até hoje presto serviço a PMJP em ações pontuais de melhorias no Artesanato, sobretudo na formação em fotografia de celular para artesão.”

- **Durante sua atuação com o artesanato paraibano, houve alguma busca ou iniciativa das escolas superiores de design em estabelecer incentivos ou apoio?**

“Acho que pouco se faz nas escolas superiores de Design da PB com temática ligada à produção artesanal. Acredito que essa aproximação deveria ser mais intensa e perene. Como dito anteriormente, a PMJP buscou a UFPB e demais faculdades particulares de Design em 2018 e esse foi um primeiro e muito importante passo para essa junção. Acredito que novas ações devem ser feitas e construídas coletivamente. Do ponto de vista acadêmico, na UFPB incentivamos, sempre que possível, projetos com que tragam essa discussão como base.”

- **Como as universidades e os cursos de Design poderiam atuar em prol do artesanato paraibano?**

“Na esfera da educação superior, acredito que existem muitas formas de atuação. Por exemplo, a partir de 2023, todas as universidades brasileiras (públicas e privadas) serão obrigadas a destinar minimamente 10% da carga horária total do Curso às atividades de Extensão. Para os cursos de Design esta é uma ótima oportunidade de ação junto a comunidades artesanais. Além disso, projetos de pesquisa, trabalhos de TCC e ações pontuais em disciplinas são formas de ação e incentivo. Esse TCC, por exemplo, se configura como uma grande oportunidade de trabalho e trará resultados importantíssimos para todas as universidades. “

**Figura 26:** Lucyana Azevedo.



**Fonte:** elaborado pela autora, 2022.

Designer, Professora e Consultora, Lucyana Azevedo possui Graduação em Estilismo em Moda pela Universidade Estadual de Londrina, Especialização em Gestão do Design e Mestrado em Design pela Universidade Federal de Pernambuco. Como professora, lecionou no curso tecnológico de Design de Moda da UNIPÊ. Além disso, atua como consultora para grupos de produção artesanal, desenvolve pesquisas e projetos de extensão que englobam áreas como artesanato, design sustentável e design têxtil.

Desenvolveu projeto junto a grande rede ARTESOL e atualmente desenvolve a marca MORADA, com produção vestiária que alinha moda, artesanato, sustentabilidade e desenvolvimento local.

**Você poderia falar um pouco sobre seu ponto de vista acerca da relação Design e Artesanato?**

“O design e o artesanato tem uma relação muito íntima e eu acho que eles deveriam andar juntos. A diferenciação entre eles está muito mais ligada a forma como o design é ensinado e as relações de classe e poder na sociedade. O artesanato vem da produção popular, da educação comunitária, que se passa de mestres para aprendizes. Já o design está no universo da educação formal. Essa separação, a gente que estuda design, sabe que é algo recente, tem a ver com a industrialização e visão de classe que legitima o que é um bom design e diz que o artesanato não tem. Acho que a diferenciação também tem muito a ver com o acesso e aderência ao mercado. O mercado pede inovações constantes, nesse sentido o design vem atendendo a essa demanda, já o artesanato tem mais dificuldade de atender a um meio ao qual não está inserido. A gente precisa promover essa aproximação do design e artesanato por questão de preservação e principalmente para que seja um objeto com valor reconhecido.”

- **Como se iniciou e como funciona sua relação com o artesanato paraibano?**

“Cheguei em João Pessoa em 2012 e já possuía uma trajetória com o artesanato, que iniciei em Londrina e dei continuidade no mestrado da UFPE. Em paralelo a docência eu sempre pesquisei, dei oficinas e fui atrás de conhecer os grupos de artesãos, eu também sou artesã, sou tecelã, tintureira, pinto, bordo, faço cerâmica(...) então quando cheguei já trabalhei com o grupo do renascer que faz tecelagem, atuei com o grupo de artesãs da penha... mas diretamente, de forma mais profissional, tive uma experiência com o Salão de Artesanato 2019, onde fui convidada para desenvolver uma coleção de labirinto em homenagem as mestres labirinteiras. Eu já tinha uma relação muito próxima com artesãos, mas essa experiência trouxe uma prática mais efetiva e constante. Em 2020, me juntei com minha sócia Suellen Albuquerque e escrevemos um projeto de start-up, a MORADA, que une moda, bordado labirinto e tingimento natural. Com isso, passei a ter um contato constante com diversos artesãos e técnicas.”

- **Durante sua atuação com o artesanato paraibano, houve alguma busca ou iniciativa das escolas superiores de design em estabelecer incentivos ou apoio?**

“Acho que o artesanato paraibano é um grande palanque político, só se fazem ações efetivas de visibilidade e inovação, quando isso traz alguma vantagem para gestores e políticos. Inicialmente tem todo um investimento e divulgação mas depois não existe constância. Eu aprendi que para trabalhar com artesanato, é preciso constância. Continuidade é a coisa mais importante, porque a gente precisa criar vínculos, entender a técnica, ter a confiança, garantir recursos. Com a MORADA, passamos a ter essa constância na relação com o artesanato e todos os processos, então eu acho que eu represento esses dois lados, da busca como docência em estabelecer incentivo e apoio. Já garantimos diversas oficinas e projetos, mas nunca uma universidade chegou para tentar apoiar e estabelecer vínculos diretos.”

- **Como as universidades e os cursos de Design poderiam atuar em prol do artesanato paraibano?**

“Acredito que as escolas superiores de design têm de estimular essa atuação através dos projetos de extensão. A extensão tem que ser valorizada e precisa ter recursos para atuar junto a todos os potenciais do nosso território, não só o artesanato mas as plantas, a biodiversidade num geral. Acho que a gente precisa gostar do que a gente tem, dar valor e dar palanque pra nossa cultura. É importante entender as necessidades de cada grupo, fortalecer a base e criar a ponte entre o design e os artesãos.”

## 5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para o desenvolvimento da análise, é essencial compreender as origens históricas que distanciaram o design e o artesanato. Ao investigar as trajetórias e meios de atuação dos modos de produção artesanal e industrial, compreende-se que a raiz da problemática se apresenta como uma consequência estrutural das oposições identitárias que cada área possui diante da sociedade.

Devido às raízes históricas do fazer artesanal no Brasil, relacionadas a comunidades que produzem para sobreviver, o artesanato é visto como produção inferior advinda de classes desfavorecidas. Esta visão elitista marginaliza e desvaloriza os grupos e produtos artesanais até os dias atuais. (ANJOS, 2021; BORGES, 2011; CAVALCANTI, 2017).

Por outro lado, o Design surge em meio ao desenvolvimento industrial e se relaciona diretamente com as inovações tecnológicas e seriadas, o que delineou uma visão superior acerca de sua atuação. Como pontuado pela designer Lucyana Azevedo, o design tem a capacidade de atender as demandas constantes do mercado, que busca produções e inovações em um ritmo acelerado. Já o artesanato possui um ritmo lento e singular, o que o mantém deslocado deste sistema que foi estruturado seguindo padrões divergentes.

Os cursos superiores de design no Brasil, foram formulados seguindo os ideais europeus, que reforçam os padrões da produção industrial. (PEREIRA, 2009). Com isso, a visão marginalizada e o ritmo singular do artesanato, o mantiveram afastado do campo acadêmico.

O Levantamento de Arquivos das Escolas Superiores de Design da Paraíba, explicitou que a produção de conteúdos e projetos que abordam o artesanato e práticas artesanais, é muito baixa, e na maioria das escolas, nulas. Durante o desenvolvimento deste levantamento, que foi elaborado com foco inicial nos repositórios oficiais, foi constatada a alarmante desatualização dos bancos digitais de arquivos das instituições. A desatualização pode afetar discentes e docentes que buscam referências para futuros projetos e pesquisas, centralizando as temáticas já existentes. Em decorrência dos poucos arquivos encontrados nos repositórios, foi reconhecida a necessidade de buscar outras formas de contato com as escolas. Então foram feitas ligações telefônicas para as coordenações, além de contatos diretos com alunos e professores, em busca de mais informações.

Todos os projetos de conclusão de curso (TCC) encontrados, só foram identificados através do contato direto com os alunos e coordenadores, o que novamente evidencia que o acesso a estes arquivos não é facilitado.

Dos 19 projetos encontrados, 17 foram produzidos através das universidades federais, sendo 9 deles, realizados pela Universidade Federal de Campina Grande. Os campos de atuação do programa de pós-graduação em design da UFCG, exploram duas linhas de pesquisa, linha 1: informação, comunicação e cultura.

Nesta linha são estudadas questões relacionadas à teoria, crítica, história e desenvolvimento de produtos e artefatos com ênfase em sistemas de informação e de comunicação, considerando aspectos semânticos, semióticos, estéticos, cromáticos, gráficos, metodológicos, e estudos da cultura visual e material. (PPG DESIGN, 2022).

Linha 2: ergonomia, ambiente e processos.

O principal objetivo desta linha é contribuir para o resgate e a aplicação sistemática de aspectos humanos, ecológicos e ambientais em processos de design, incluindo princípios da interação usuário-produto, e discussão teórico-metodológica do ensino de design, possibilitando a reflexão e o desenvolvimento do design fundamentado na relação entre a criação, a produção e o consumo de produtos e artefatos, de acordo com uma perspectiva que considere como prioridade tanto questões técnicas e econômicas quanto humanas e ambientais. (PPG DESIGN, 2022).

O programa de pós foi o maior responsável pela produção de pesquisas que abordaram práticas e características artesanais. Com isso, a UFCG foi reconhecida como a escola que mais atua com o artesanato no estado de forma regional e internacional, através da participação no Salone del Mobile 2022, em Milão.

Além dessas pesquisas e atuações, é importante ressaltar que a universidade também possui outros projetos que abordam a temática do artesanato. O NART - Núcleo de Artesanato da UFCG, atua ativamente com atividades e pesquisas que estimulam o fazer artesanal, promovendo oficinas, exposições, cursos e auxílio aos artesãos, porém não foi identificado nenhum vínculo com o curso de design.

Assim como as produções artesanais expressão e são compostas através das características e singularidades do território e do artesão, as produções acadêmicas encontradas também mostram as influências da região para a produção dos designers em formação. As pesquisas mostram que os alunos selecionam seus temas através de referências culturais que possuem influência em suas vivências e ambiente em que habitam.

Como pontuado por todos os designers entrevistados, os projetos de extensão podem ser a melhor ponte para desenvolver a união do conhecimento popular e acadêmico. Através da integração das universidades com comunidades de artesãos e atividades de fomento, ambos os integrantes podem ser beneficiados e estimulados a construir uma rede cooperativa, onde o conhecimento acadêmico se expande em união com o saber popular que agrega novas visões e técnicas culturais. Assim como os artesãos podem ter seus processos de produção facilitados por meio de técnicas do design que simplificam os materiais e métodos, além de propor inovações que valorizam as peças, trazendo melhorias sociais e econômicas para os envolvidos.

Através da Coleta de Dados das Atividades de Fomento, buscou-se identificar as atividades realizadas pelos órgãos públicos e privados em prol do artesanato paraibano e compreender suas formas de atuação. Observa-se que apesar da grande extensão do território paraibano, os espaços físicos administrados pelo PAP se localizam predominantemente na capital paraibana, centralizando as atividades e meios de atuação.

Nos últimos anos o estado tem recebido mais incentivos de fomento ao artesanato local, porém, a maioria das atividades que geram maiores movimentações, ocorrem apenas de forma sazonal e não conseguem integrar o grande número de artesãos e suas demandas. Como pontuado pelos designers Eduardo Barroso e Lucyana Azevedo, para desenvolver ações eficazes envolvendo o artesanato, é necessário constância.

É através da constância e escuta sensível que se pode criar uma ponte empática e promissora entre designers e artesãos, fortalecendo suas bases e desenvolvendo uma cooperativa criativa.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A união do design com o artesanato propicia o surgimento de um novo panorama contemporâneo que valoriza a identidade singular de cada território, desenvolvendo produtos que vão além dos ideais da produção seriada da indústria. Além de ações que fortalecem a base para uma nova visão cooperativa dos meios de produção criativos, que valorizam a cultura e as tradições, fortalecendo as raízes do design brasileiro proposto por Lina Bo Bardi e Aloisio Magalhães. Explorar a união do conhecimento popular e acadêmico, abre novas perspectivas para esta interação, adicionando tais conhecimentos a base de formação dos novos designers que poderão propor um novo design com propósitos culturais e identitários que valorizem o conhecimento e o fazer popular.

A pesquisa buscou analisar a atuação das escolas superiores de design da Paraíba no artesanato paraibano, através de procedimentos exploratórios, que reuniram dados que afirmam os números baixos e nulos de materiais e ações realizadas acerca da temática abordada, comprovando que não existe uma atuação ativa das instituições acadêmicas de design do estado em interação com o artesanato regional.

Observa-se que a maioria dos poucos projetos e dissertações encontradas foram produzidas pela UFCG, que se localiza no interior do estado, onde o artesanato regional possui maior representatividade e influências no território, conseqüentemente promovendo maiores influências nos discentes e docentes da instituição. O que reforça que é através da interação prática e direta da academia com o conhecimento popular, que se desenvolvem novos projetos e pesquisas. É preciso romper os padrões estruturados no campo acadêmico e explorar a capacidade multidisciplinar do design, a fim de expandir suas técnicas e atuações.

Reconhecendo os projetos de extensão como a melhor ponte para desenvolver essa interação de forma efetiva, através da investigação das atividades de fomento ao artesanato promovidas pelos órgãos públicos e privados, buscou-se entender o funcionamento e encontrar conexões onde as instituições acadêmicas possam integrar o grupo de atuação.

Propõe-se o desenvolvimento de um projeto de extensão que atue em união com as instituições públicas e privadas ativas. Através das capacitações promovidas para os artesãos, por meio do SEBRAE e órgãos públicos, os discentes podem atuar

oferecendo consultorias de auxílio e monitoramento para os artesãos desenvolverem as propostas expostas nas capacitações, fortalecendo a base de conhecimento e prática efetiva das atividades.

Também é reconhecida a oportunidade de um projeto que conte com um grupo de extensão que desenvolva projetos gráficos e físicos para a produção de identidades visuais e produtos, como embalagens, que podem fortalecer e valorizar a comercialização e divulgação dos produtos artesanais.

A pesquisa busca abrir discussões e estimular a interação do design e artesanato no campo acadêmico paraibano, trazendo benefícios para as produções científicas, além do desenvolvimento social e econômico dos artesãos por meio da valorização do conhecimento popular. Por fim, destaca-se a importância quanto à realização de pesquisas que explorem as estruturas do ensino de design no Brasil, a fim de promover uma reestruturação a partir de ideais que fortaleçam a cultura popular e a produção consciente.

## REFERÊNCIAS

ANGÉLICO, A. M. D.; OLIVEIRA, M. C. M. **O ensino do design no Brasil: currículos, ideologias e contemporaneidade.** Educação, Cultura e Sociedade, v. 7, p. 604-615, 2017.

ANJOS, Raissa Albuquerque dos. **Design e artesanato: uma avaliação de ações de fomento em associações de artesãs na Paraíba.** / Raissa Albuquerque dos Anjos. - Campina Grande, 2021.

ARTESOL. Artesanato Solidário, 2022. **Sérgio Matos e o design que transpira brasilidade.** Disponível em: <<https://www.artesol.org.br/conteudos/visualizar/Sergio-Matos-e-o-design-que-transpira-brasilidade>> Acesso em: 10 de junho de 2022.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro.** São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

CARDOSO, Rafael. **Introdução à história do design.** São Paulo: Ed. Blücher, 2004.

CAVALCANTI, Virgínia Pereira. **Ecovisões sobre Design e Artesanato.** In: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; FRANZATO, Carlos; DEL GAUDIO, Chiara (org.). **Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil.** São Paulo: Blucher, p. 237, 2017.

CHAUDHRY, Alia Nasim. **A Criatividade do Artesanato Paraibano: Fonte para Narrativas e Crescimento Econômico.** João Pessoa, Intercon, 2017.

COVELO, Natalia; MATEOS, Cristina. **Mercado De Artesanías En El Uruguay.** Monografía. Facultad de la República, 2010.

DESIGN UFPB. **Bacharelado em Design**, 2021. O Curso. Disponível em: <<https://www.ufpb.br/cdesign/contents/menu/design/Sobre%20o%20curso%20de%20Design>>. Acesso em: 21 de Julho de 2022.

DOS ANJOS, Raissa Albuquerque; DE ARRUDA TORRES, Pablo Marcel; DA MOTA SILVEIRA, Nathalie Barros. **Artesanato Paraibano: Um estudo sobre identidade e território em Associações de Artesãs da Paraíba**. DAT Journal, v. 6, n. 1, p. 198-212, 2021.

EDUARDO BARROSO. Blogspot, 2017. **João Pessoa Cidade Criativa da UNESCO no artesanato e na arte popular**. Disponível em: <<https://eduardobarroso.blogspot.com/2017/11/joao-pessoa-cidade-criativa-da-unesco.html>>. Acesso em: 12 de Julho de 2022.

FERNANDES, A. P. **Um novo artesanato brasileiro: a busca por uma identidade cultural e social**. In: ARRUDA, A. J. V. (org.). Design & Inovação Social. São Paulo: Blucher, p. 163-182. 2017.

FREITAS, Ana Luiza Cerqueira. **Design e artesanato: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto** [livro eletrônico]/ Ana Luiza Cerqueira de Freitas — São Paulo: Blucher Acadêmico, 2017.

GUIA DO ESTUDANTE. **Guia do Estudante**, 2022. Busca do Estudante. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/busca/?termo=design&filtro=graduacao&graduacao-0=542030672&graduacao-1&graduacao-2&graduacao-4&graduacao-5>>. Acesso em: 5 de Julho de 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1990. **Divisão Regional do Brasil**: em mesorregiões e microrregiões geográficas. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269\\_1.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf)>. Acesso em: 10 de Julho de 2022.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados** / - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LÖBACH, Bernd. **Design industrial**. São Paulo: Edgard Blücher, 2001.

MACHADO, Juliana Porto. **O conceito de artesanato: uma produção manual**. Missões: Revista de Ciências Humanas, v. 2, n. 2, p. 52-72, nov. 2016. Quadrimestral.

MANZINI, Ezio. **Design: quando todos fazem design: uma introdução ao design para inovação social**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

MORAES SOBRINHO, João; HELAL, Diogo Henrique. **A Implementação de Políticas Públicas voltadas a atividades artesanais: Análise do Programa de Artesanato da Paraíba**. Organizações & Sociedade, v. 24, n. 80, p. 115-134, 2017.

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil: origens e instalações**. Rio de Janeiro: 2AB, 1997.

PAP. **Programa do Artesanato Paraibano**, 2022. Página Inicial. Disponível em: <<https://pap.pb.gov.br/>>. Acesso em 13 de julho de 2022.

PEREIRA, Juliano Aparecido. **Desenho industrial e arquitetura no ensino da FAU-USP (1948-1968)**. Tese de Doutorado, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo: São Carlos, 2009.

PORTAL UFCG. **Portal da Universidade Federal de Campina Grande**, 2022. Originalidade das peças da UFCG é elogiada no maior evento de móveis do mundo. Disponível em: <<https://portal.ufcg.edu.br/ultimas-noticias/3571-originalidade-das-pecas-da-ufcg-e-elogiada-no-maior-evento-de-moveis-do-mundo.html>> Acesso em: 11 de outubro de 2022.

PPG DESIGN. **Programa de Pós Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande**, 2022. Linhas de Pesquisa. Disponível em: <<http://www.ppgdesign.ufcg.edu.br/index.php/linhas-de-pesquisa/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2022.

RIBEIRO, Berta G. **A linguagem simbólica da cultura material**. Suma etnológica brasileira, v. 3, p. 15-27, 1987.

ROSSI, Lia Mônica. **Design e artesanato no Nordeste: sustentabilidade e verbos criativos**. In: OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de; FRANZATO, Carlos; DEL GAUDIO, Chiara. (São Paulo - SP) (org.). *Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil*. São Paulo: Blucher, p. 243-260, 2017.

SEBRAE. **Termo de referência: atuação do sistema SEBRAE no artesanato**. Brasília: Sebrae, 2010. p 10.

SERAFIM, Elisa Feltran. **Design e artesanato: análise de modelos de atuação de design junto a grupos de produção artesanal** / Elisa Feltran Serafim. – Recife: O Autor, 2015. 153 f

SÉRGIO MATOS. Sérgio Matos: **O Estúdio**, 2022. Página Inicial. Disponível em: <<https://pt.sergiojmatos.com.br/>> Acesso em: 8 de junho de 2022.

SOBRINHO, J. M.; HELAL, Diogo Henrique. **A Implementação de Políticas Públicas voltadas a Atividades Artesanais: Análise do Programa de Artesanato da Paraíba**. Organizações & Sociedade, v. 24, n. 80, 2016.

SOUSA, M. J. S. **Etnografia Da Produção De Artefatos E Artesanatos Em Comunidades Da Reserva De Desenvolvimento Sustentável, UAKARI**, v.5, n.1, 21–37, 2009.

UAD. **Unidade Acadêmica de Design**, 2022. Graduação - História do Curso. Disponível em: <<https://design.ufcg.edu.br/graduacao/>>. Acesso em: 21 de Julho de 2022.

---

*Emitido em 16/12/2022*

**DOCUMENTO Nº 1/2022 - CCAE - CD (11.01.35.04)**  
**(Nº do Documento: 1)**

**(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)**

*(Assinado digitalmente em 23/01/2023 11:47 )*  
**ANGELICA DE SOUZA GALDINO ACIOLY**  
*COORDENADOR DE CURSO*  
*1562374*

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: **1**,  
ano: **2022**, documento (espécie): **DOCUMENTO**, data de emissão: **23/01/2023** e o código de verificação:  
**19b91942b6**